

A Classe Operária



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL



Explosão de brasilidade com a conquista da Copa

PÁGINA 7

DEPOIS DO TETRA É SÓ ELEIÇÃO

Elites caluniam e restringem democracia para tentar ganhar a eleição

PÁGINA 4



Lançamento dos candidatos do PCdoB em São Paulo reúne três mil pessoas

ISIDÓRIO SOUZA

PCdoB investe em seu projeto eleitoral. Veja entrevista com Renato Rabelo, vice-presidente nacional do Partido

PÁGINA 5

Propaganda enganosa procura esconder efeitos nocivos do Plano Real

PÁGINA 6



Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

Cartas

Elisa Lucinda

Coerência

Li sobre a Elisa Lucinda na última Classe e fiquei vislumbrado com a poesia dela. Aliás, a matéria sobre ela ficou muito boa. Gostaria de saber o endereço da Elisa para correspondência e, quem sabe, agendar uma apresentação dela aqui na cidade.

Cláudio Marcio Gonzales
Bauru - SP

Nota da redação: o endereço para correspondência de Elisa Lucinda é Rua Figueiredo Magalhães, 870, aptº 305, CEP 22031-010, Copacabana, Rio de Janeiro-RJ. O livro pode ser solicitado à editora Velha Lapa, Rua da Lapa, 102, CEP 20021-000, telefone (021) 224.7938, Rio de Janeiro-RJ

Morreu Dr. Goteira

No último dia 20 o PCdoB perdeu, em Paulista (Pernambuco), um de seus mais singulares filiados: o encanador-biscateiro Valentim Ferreira Torres, conhecido por "dr. Goteira". Neto de cangaceiro, dizia, admirador de Tiradentes e da luta do povo palestino, no começo dos anos 70 ligou-se ao PCdoB, acolhendo em sua humilde moradia, na favela do Coque em Recife, a mim, ao Artur de Paula, Oswaldo Barroso, Loreta Valadares, Mará e outros que atuavam na clandestinidade. De um modo infinitamente solidário e afetuoso. Carnavalesco, vestia-se a rigor para desfilar na "Troça Pão Duro", saía também em outros grupos. Na rudeza da sua instrução, mas na amplitude da sua sensibilidade, comunista quase que por instinto, guiou os filhos operários para as fileiras comunistas. Como disse o filho e camarada Demir, em emocionada oração de despedida, "deixa muita saudade e um belo exemplo de vida".

Luciano Siqueira
Recife - PE

A última eleição presidencial só serviu para demonstrar a investida (cada vez maior) do imperialismo, sob a forma de neoliberalismo, que é o causador da miséria das massas brasileiras. O PCdoB parece ser o partido mais sério das esquerdas porque é o único que tem uma ideologia sólida. Esta foi a impressão que tive ao assistir aos dois últimos programas televisivos do partido. Achei muito profundo e interessante o discurso do camarada João Amazonas.

Antônio Carlos
Brasília - DF

Formação

Acho imprescindível uma elaboração sobre a formação teórico-ideológica de uma organização política revolucionária como o PCdoB, que tem como objetivo a transformação radical da sociedade. Podemos destacar a questão como fundamental no processo da luta de classes da vanguarda organizada do proletariado para conquistar novos revolucionários, ampliar quadros militantes e dirigentes, ser ousado em busca de fortalecer ideologicamente nosso exército no enraizamento do partido, combinar o fator subjetivo com o objetivo. Por isso a formação deverá estar sempre conectada com a vida partidária, ampliando e fortalecendo a luta de idéias. Todos os organismos de base devem ter em conta essa preocupação.

Cícero Romão Carvalho
Santo Amaro - SP

ATENÇÃO

Informamos aos leitores de *A Classe Operária* que, devido a dificuldades financeiras do momento, nosso jornal passará a ter uma edição mensal de oito páginas até o final do ano. Os assinantes receberão o número de edições correspondentes ao valor pago por sua assinatura.

Morreu líder do povo coreano

▼ **Morreu no último dia 8, vítima de ataque cardíaco, aos 82 anos, o líder do povo coreano Kim Il Sung, secretário geral do Partido do Trabalho da Coréia, chefe de governo e de Estado da República Democrática da Coréia**



Kim Il Sung

Kim Il Sung inscreveu seu nome na história dos povos asiáticos ao comandar a heróica resistência aos militaristas japoneses, vitoriosa há meio século, e ao derrotar o imperialismo norte-americano no episódio que ficou conhecido como Guerra da Coréia, no início dos anos 50.

O líder norte-coreano comandou o processo de edificação do socialismo em seu país baseado nas massas populares e na independência nacional. Impulsionou as revoluções ideológicas, técnico-científica e cultural, movimentos de caráter permanente cujo fim é a conquista de um padrão de vida digno, o desenvolvimento econômico auto-sustentado e a preservação da soberania nacional. Lutou incansavelmente pela reunificação das duas Coréias, colocando-se à frente de intensa atividade política e diplomática na esfera internacional. Há poucas semanas, a diplomacia da República Popular da Coréia conquistava importante vitória. Fora marcada para o mês de julho uma conferência de cúpula com o governo da Coréia do Sul, da qual participaria Kim Il Sung. A conferência foi postergada em função de sua morte. Outro êxito marcante do governo socialista coreano foi a neutralização das belicistas do imperialismo norte-americano, com o qual também foram marcadas conversações bilaterais.

A morte de Kim Il Sung deixa grande lacuna no movimento comunista e revolucionário mundial, com o qual o Partido do Trabalho da Coréia e RPDC sempre tiveram relações fraternais e de solidariedade internacionalista. Sob a direção de Kim Il Sung, o PTC auspiciou a Declaração de Pyongyang, documento lançado em abril de 1992 em defesa do socialismo e dos movimentos de emancipação nacional e social.

MENSAGEM DE CONDOLÊNCIAS DO COMITÊ CENTRAL DO PCDOB PARA O COMITÊ CENTRAL DO PTC.

Queridos Camaradas,

O Partido Comunista do Brasil sente-se profundamente consternado com o súbito falecimento do Camarada Kim Il Sung, grande líder do povo coreano, dirigente máximo da República Popular Democrática da Coréia, chefe incontestado do Partido do Trabalho da Coréia, figura de destaque do movimento revolucionário mundial, combatente e dirigente das primeiras fileiras das lutas de libertação nacional dos povos e pelo socialismo.

A morte de tão eminente personalidade da história contemporânea é uma grande perda para o movimento revolucionário e socialista. Os povos de todo o mundo conhecem e valorizam imensamente sua monumental obra como fundador do Partido do Trabalho da Coréia, criador do exército revolucionário que travou a heróica Luta Armada Antijaponesa, fundador da República Popular Democrática da Coréia, iniciador e condutor da construção do socialismo. Ao longo da história a humanidade progressista aprendeu a admirar a coragem e a lucidez do líder que reagiu com vigor à invasão dos imperialistas na Península e não descansou no combate para concretizar o sonho de todos os coreanos de ver sua pátria reunificada.

Sob a direção do camarada Kim Il Sung o povo coreano construiu uma pátria livre, independente, democrática, soberana, com igualdade social e progresso econômico. Dos escambros da guerra, sob égide do socialismo edificado com criatividade graças à justa orientação de Kim Il Sung, surgiu um país avançado onde as massas populares são as donas de tudo e imprimem conteúdo e forma à nova sociedade, de acordo com sua própria realidade.

O desaparecimento do Grande Líder ocorreu precisamente no momento em que, devido ao seu discernimento, perspicácia e firmeza, a República Democrática da Coréia vinha acumulando consideráveis êxitos nos esforços para vencer as pressões e chantagem advindas dos imperialistas norte-americanos e seus lacaios, quando conquistava importantes vitórias na luta contra o cerco político-diplomático e quando se aproxima historicamente o momento da concretização do ideal pelo qual grande parte de sua vida - a reunificação da Pátria.

Os comunistas brasileiros associam-se aos comunistas e ao povo coreano na dor causada pela morte do Camarada Kim Il Sung. Expressamos a convicção de que com abnegação, luta, trabalho e vontade de vencer, unido, sob a direção do Partido do Trabalho da Coréia, o povo coreano será capaz de superar este doloroso transe.

Nossos sentimentos pêsames aos familiares, amigos e colaboradores do Camarada Kim Il Sung.

COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO
COMUNISTA DO BRASIL

Comunistas presos na Colômbia

Tropas específicas do exército colombiano prenderam no último dia 22 de junho Francisco Caraballo, primeiro-secretário do Partido Comunista da Colômbia (marxistas-Leninista) e Comandante do Exército Popular de Libertação - EPL.

Muitas outras pessoas foram presas na operação, inclusive a esposa e o filho de Caraballo, de 16 anos. A prisão de Francisco Caraballo é mais um ato terrorista do exército colombiano contra as forças revolucionárias, uma demonstração do caráter autoritário do governo, incapaz de respeitar as liberdades democráticas e de reconhecer as forças guerri-

lheiras agrupadas na Coordeadora Guerrilha Simon Bolívar como legítimas forças políticas opositoras.

A prisão do dirigente do PCC (M-L) é motivo de preocupação para os comunistas e o povo brasileiro, que se associam aos democratas e revolucionários colombianos na exigência de que seja posto em liberdade e que cessem as perseguições e atos brutais do governo contra os patriotas e revolucionários. Cartas e telegramas nesse sentido devem ser enviadas para: Procurador Geral da Nação, Procuradoria Geral; Edifício Banco Ganadero, carrera 5, no 15-80, Santa Fé de Bogotá - Colômbia.

Cartas para esta seção devem ser enviadas datilografadas ou em letra de forma com no máximo 15 linhas. A redação publicará as cartas no todo ou em parte. Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - CEP 01318-020 - São Paulo - SP. Ou pelo fax (011) 36-0412.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

MP é atentado à saúde pública

Gilda Almeida de Souza
Pres. da Fed. Nac. dos Farmacêuticos

Ao editar a medida provisória do real, o governo cometeu um grande absurdo: três artigos autorizam a comercialização de medicamentos em supermercados e outros estabelecimentos comerciais, num total desrespeito à saúde pública. A alegação é de que a medida visa baratear preços e garantir à população maior acesso a medicamentos.

A MP diz que podem ser vendidos em supermercados os chamados medicamentos anódinos (de venda livre, sem prescrição médica). Dentre a comunidade científica, porém, não há uma definição de medicamento anódino. A posição da Fenafar e do Fórum Por Uma Política Nacional de Medicamentos é clara: todo medicamento, além de seus efeitos terapêuticos positivos, tem efeitos tóxicos que chegam a causar lesões irreversíveis e podem até levar à morte. O fato de o medicamento ser vendido sem receita não elimina os riscos à saúde.

O uso inadequado e a automedicação são a causa de 24% das intoxicações registradas no Brasil. E a MP estimula a automedicação. Em 1993, após muita pressão da comunidade de saúde de todo o país, o governo publicou o Decreto 793/93, que determina a denominação genérica para os medicamentos: todo medicamento deve ser comercializado com o nome de sua composição química (seu princípio ativo).

MEDIDA DO GOVERNO ESTIMULA A AUTO-MEDICAÇÃO

princípio ativo).

O nome comercial, razão do lucro da indústria, fica em segundo plano. O decreto foi uma tentativa de moralizar o setor farmacêutico, abandonado às imposições das indústrias multinacionais que impõem os preços e as regras ao mercado. As indústrias vêem no medicamento apenas uma fonte de lucros. Com o decreto, pretende-se baratear os preços ao permitir que o consumidor escolha dentre os produtos similares aquele que lhe convenha. O decreto também obriga a presença nas farmácias e drogarias de profissional capacitado a dar ao consumidor as informações sobre o uso correto do remédio. Agora, o mesmo governo esquece o decreto e publica a MP em total incoerência com seu ato anterior. O presidente Itamar Franco está metendo os pés pelas mãos ao desconsiderar as leis que regem o setor saúde no país. As entidades da área de saúde há anos lutam por uma política de medicamentos e assistência farmacêutica que leve em conta as necessidades da saúde pública, que permita à população acesso aos medicamentos e às informações sobre seu uso, entendendo que o medicamento é um bem de saúde que não pode ser visto pela ótica mercantilista.

A Fenafar, que recentemente realizou seu I Congresso, tomou a frente no combate aos três artigos e já protocolou no Supremo Tribunal uma ação de inconstitucionalidade e pedido de suspensão liminar dos artigos porque o assunto tem legislação própria e não cabe alterá-la através de MP. No dia 10 de agosto haverá protestos em todo o país. Essa medida do governo pode levar à cartelização dos produtos farmacêuticos dentro do comércio varejista, tirando da vigilância sanitária o controle do setor e abrindo portas para a venda indiscriminada de medicamentos.

Editorial

Acirra-se a polarização

Passada a euforia do tetra, a campanha eleitoral entra em fase decisiva, com contornos mais definidos, dando sinais de uma polarização acirrada entre o candidato das elites, FHC, e o candidato da Frente Brasil Popular, Luiz Inácio Lula da Silva.

Os índices revelados pelas últimas pesquisas, apontando a queda da diferença entre FHC e Lula, servem de sinalização. Primeiro de que a batalha eleitoral ainda não está ganha para a Frente Brasil Popular, e que os expedientes utilizados pelas elites têm surtido efeito sobretudo entre a classe média e nos grandes centros urbanos do centro-sul do país. Segundo, que o plano real maquiado pela mídia tem favorecido FHC. Terceiro, que agora a campanha é prá valer, com a derrama de recursos os mais diversos pelos poderosos visando a decolagem de seu candidato.

O plano das elites de eleger FHC revela seu trunfo maior com a introdução do real. A mídia entra com seu rolo compressor, tentando ganhar a opinião pública para as vantagens da nova moeda, com a redução da inflação, maquiando seus efeitos nocivos, como a redução do poder de compra dos salários, seus efeitos recessivos como o desemprego, dentre outros que abordamos em matéria à página 6.

E não só isso, têm recorrido a outros expedientes para desestabilizar a candidatura Lula. Fizaram uma onda sobre a suposta

utilização da máquina dos sindicatos, depois foi o episódio dos sem-terra, o ataque à aliança com o PCdoB e agora montam todo um esquema contra Bisol, numa verdadeira orquestração na imprensa.

Para nós, da Frente Brasil Popular, fica o desafio de intensificar a campanha eleitoral tendo em vista desmistificar as supostas benesses do plano real. Voltar o centro das atenções para os grandes conglomerados urbanos, com a realização de atos e comícios de envergadura, que causem impacto na opinião pública, esclarecendo-a sobre o embuste que representa para os interesses nacionais a candidatura de Fernando Henrique Cardoso.

o PCdoB, em particular, cabe articular a campanha de seus candidatos a deputado na esfera federal e estadual à candidatura Lula, esclarecendo no corpo a corpo da campanha, o significado de renovação progressista dessa candidatura popular para os destinos do país. Denunciar o plano real como mais um engodo dos poderosos, que visam nada mais que afundar o país no inferno neoliberal do sucateamento da indústria nacional, do desemprego, do fim da soberania. Após o período eleitoral, o povo vai cair na real do plano. Os candidatos comunistas devem se destacar mais uma vez pela coerência e a garra na defesa de suas idéias, sintonizadas com os interesses do povo sofrido, que aspira uma nação progressista e soberana.

Crime de lesa pátria contra a Petroquisa

Haroldo Lima
Líder do PCdoB na Câmara dos Deputados

Algo muito escabroso está se descobrindo no processo de privatização das empresas do grupo Petroquisa, da Petrobrás. O Conselho Fiscal do grupo, assustado com os resultados desastrosos da privatização já realizada nas empresas da Petroquisa, e ante a nova onda de privatizações programada ainda para o final deste mês, quando a Petroquisa alienará o que tem no Polo Petroquímico de Camaçari, na Bahia, resolveu solicitar uma auditoria sobre o assunto. A firma Deloitte Touche Tohmatsu foi incumbida de fazer um estudo minucioso da matéria.

Diante dos resultados do estudo, o Conselho Fiscal ficou aturdido. Convocou para o Rio de Janeiro uma Assembléia Geral Extraordinária de seus acionistas com um único ponto de pauta: "dar conhecimento, tendo em vista a gravidade e urgência da matéria, de Relatório sobre Reflexos de Privatização ... para o patrimônio da Petroquisa."

O relatório da Deloitte trazia uma denúncia gravíssima. O valor do patrimônio já privatizado pela Petroquisa chegava a US\$ 1,432 bilhão. Mas desse dinheiro, descontando tributos diversos e imposto sobre operações financeiras, sobrou para a Petroquisa, US\$ 22 milhões, em moedas podres!

Por outro lado, a Deloitte, acrescentando ao valor das privatizações já feitas, o valor das privatizações previstas, particularmente no Polo de Camaçari, concluiu que este montante global chega a US\$ 4,767 bilhões e que descontando deste valor os tributos e o IOF restaria para a Petroquisa a ridícula quantia de US\$ 3 milhões, e ainda assim, em moedas podres.

O representante da Petrobrás presente à Assembléia, Fernando Reis Viana Filho, tratou de diminuir o impacto da vergonhosa revelação. Quando acionistas minoritários, como a Porto Seguro Imóveis Ltda e a Associação dos Engenheiros da Petrobrás, AEPET, pediram explicações sobre o enorme prejuízo apontado pelo relatório da Deloitte, ele, o representante da Petrobrás, que deveria estar indignado com a desmedida perda, resolveu dizer que "o acionista está tratando o relatório como se fosse verdade absoluta...". Não contente com isso, acenou para outra auditoria, da Boucinhas & Campos, que não chega às mesmas conclusões... O representante da AEPET, Hildebrando José Campos Gonsales, solicitou então um pronunciamento do Conselho Fiscal da Petroquisa, fazendo uma análise comparativa entre os dois relatórios, solicitação não atendida pelo presidente do Conselho Fiscal.

Finalmente mais um escândalo se consumou. O acionista minoritário, Porto Seguro Imóveis Ltda, naturalmente atônito com os megas prejuízos resultantes das criminosas privatizações, apresentou proposta no sentido de que "a administração da Petroquisa tomasse todas as medidas ao seu alcance para impedir as últimas alienações da Petroquisa". Era de se supor que dita proposta preventiva seria aprovada unanimemente. Entretanto, foi o próprio representante da Petrobrás, acionista majoritário, que se manifestou contrário, ficando assegurada a continuidade das alienações do patrimônio público, da forma despuorada que vem sendo feita.

As forças vivas do país, o movimento nacionalista brasileiro, os setores que cuidam com zelo do patrimônio público nacional, não podem assistir passivos a mais essa ignomínia. São necessárias urgentes manifestações, divulgação de escândalo, denúncia dos nomes dos envolvidos, dos omissos e dos coniventes, ações judiciais, tudo enfim, para conter o assalto que se está fazendo ao patrimônio público, e para anular os atos criminosos já realizados.

RELATÓRIO DENUNCIA OS PREJUÍZOS DA PRIVATIZAÇÃO DA PETROQUISA



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Eleições

Qual será o próximo lance?

▼ Apavoradas com a possibilidade da vitória de Lula, as elites acirram a campanha de calúnias e difamações contra a Frente Brasil Popular

Dilermando Toni

“O Fernando Henrique não precisa se preocupar em bater no Lula, ele tem aliados aptos a fazer este serviço”. Com essas palavras, em meados de julho, o ex-governador baiano Antônio Carlos Magalhães revelou uma face da estratégia que as elites estão usando para passar à ofensiva na atual disputa presidencial.

Essa é a parte suja da campanha do PSDB/PFL, como se fosse o outro lado da moeda chamada Real. E para por em prática esse tipo de jogo, a elite conta com o apoio unânime da grande imprensa que, nas condições de acirramento da luta entre o projeto popular e o neoliberal, deixa de lado a hipocrisia do discurso da imparcialidade e revela abertamente seu caráter de classe e partidário.

No começo do ano a rede Globo fez um enorme estardalhaço em torno da questão do assassinato de um sindicalista do ABC paulista. Toda a cobertura foi dirigida no sentido de passar ao eleitor a idéia de que a CUT e o PT teriam tramado o crime por divergências políticas. Durante semanas a fio o Jornal Nacional dedicou um bloco inteiro ao problema.



A Frente Brasil Popular com a candidatura Lula representa a renovação progressista

Terminadas as apurações mostrando que o caso foi resultado de uma disputa meramente pessoal, a emissora de Roberto Marinho nem mencionou a conclusão do inquérito policial.

Mais para diante, quando foi formada a Frente Brasil Popular pela Cidadania - PT, PSB, PCdoB, PPS, PSTU - foi a vez da Folha de São Paulo, através de Gilberto Dimenstein, atacar o PCdoB, invertendo completamente os fatos, para tentar passar a idéia de que o partido dos comunistas seria um partido da ditadura. Seu objetivo confessado foi o de tentar justificar a aliança do PSDB com o PFL. Diante de inúmeros protestos vindos dos mais diversos pontos do país, a “imparcial” Folha resolveu dar uma parada mas se passou para cima dos Sem-terra, apoiadores de Lula, que estariam

querendo implantar no Brasil “uma república marxista-leninista através da luta armada”. Terrorismo eleitoral das classes dominantes, nada mais.

O Jornal do Brasil por sua vez, não deixa por menos. Dedicou manchete de capa e página inteira do jornal “mostrando a crise” aberta na candidatura de Lula a partir de um protesto de 30 funcionários públicos, em comício que a Frente realizou em Três Marias/MG. E não poderia ser de outra forma pois o JB pertence agora a um consórcio de banqueiros.

O caso Bisol. Aqui é onde se nota a verdadeira orquestração da elite e sua imprensa. SBT, Globo, Veja, Isto É, deram seqüência e ampliaram a campanha desencadeada pelo ultra-conservador *O Estado de São Paulo*. Quando a Frente

Brasil Popular se defende exigindo que seja dado ao senador e candidato a vice de Lula o legítimo direito de defesa, os serviços da mídia retrucam com a “síndrome de perseguição da esquerda”.

Sem dúvida que a consciência política do povo brasileiro avançou muito nos últimos tempos com a campanha pelo impeachment de Collor e a CPI do Orçamento e exige que o comportamento de seus representantes respeite, além das leis, a ética e a moral. Estes valores estão muito presentes no julgamento político dos eleitores e colocam em polvorosa as elites cujos representantes, e não os da esquerda, estiveram envolvidos em todos os escândalos de corrupção.

Com a dimensão dada ao caso Bisol as classes dominantes pre-

tendem “passar a régua”, tentando mostrar que todos são iguais. Não querem atingir o senador principalmente, mas a candidatura Lula. Uma pergunta: poderia se comparar os tais empréstimos subsidiados a Bisol com os bilhões de dólares com que o poder público brasileiro subsidia os latifundiários e os exportadores durante anos a fio? Ou ao subsídio, via moedas podres, que o governo dá aos banqueiros para que adquiram as empresas estatais?

Ilusões à parte. Diante deste quadro só se pode esperar que as elites acirrem ainda mais seus ataques à candidatura Lula, com lances ainda piores. Por medo de perder seus privilégios, por temor de que o Brasil trilhe por novos caminhos, fazem um tipo de política “vale-tudo da canela para baixo”, sem nenhuma diferença do caso Miriam em 1989.

Entretanto, por mais sujo que seja o jogo das elites, o povo percebe que cabe à esquerda o mérito das denúncias de corrupção que marcaram a cena política brasileira. Quando o povo gritava nas ruas Fora Collor, FHC fazia gestões para se transformar em seu ministro da Fazenda.

A Frente Brasil Popular com a candidatura Lula representa o movimento de renovação progressista que cala fundo na alma do povo brasileiro. É herdeira da luta contra a ditadura, pelas diretas, pelo Fora Collor e pela moralidade na vida política. Não se colocará na defensiva e fortalecerá ainda mais sua unidade para levar de vencida o jogo sujo das elites.

Elites criam barreiras contra a democracia

Desde 1950, é a primeira vez que acontecem eleições casadas no Brasil. Votar para Presidente e, ao mesmo tempo para tantos outros cargos, dá a impressão de democracia plena. Na verdade, esta eleição tem aspectos profundamente antidemocráticos.

Guiomar Prates

Para o PCdoB cumprir o seu projeto eleitoral é necessário avaliar bem o contexto em que se realizam essas eleições. Desde o estelionato eleitoral que é o Plano FHC, até as restrições para a realização dos programas de televisão e a burocracia para ter acesso aos bônus eleitorais, a elite cuidou de criar mecanismos que restringissem ainda mais o espaço democrático. O objetivo? Dificultar o crescimento e a vitória dos partidos de esquerda.

A crise em que as elites metem o país, entre outros fatores,

criou condições para que, pela primeira vez na história do Brasil, um candidato de esquerda, apresente possibilidades concretas de vitória. Por isso, os conservadores tentam maquiagem a realidade, como forma de mais uma vez enganar o povo.

Voto em branco. A mídia têm feito uma grande campanha de desmoralização das instituições, principalmente do Congresso Nacional. Em que pese o Congresso ter promovido o impeachment de Collor e cassado alguns anos do Orçamento, ainda existe na população uma profunda descrença nos “políticos”. Essa campanha fez questão de não diferenciar os diversos tipos de políticos, colocando todos no mesmo saco, alimentando uma descrença que favorece o voto em branco.

Além disso, existe a dificuldade concreta do povo na hora de votar. Como a eleição que polari-

za é a da Presidência da República, pode ser que muita gente acabe votando só para a eleição majoritária. Isso traria um imenso favorecimento às elites, pois o voto branco é computado como válido e aumentaria ainda mais a dificuldade dos pequenos partidos em conseguir quociente eleitoral.

Por isso, é necessário que, a partir dos estados, se desenvolva uma ampla campanha pelo voto, contra o voto em branco. Esclarecer à população que o voto branco favorece os grandes e conservadores partidos. Pode-se até dizer que, se o eleitor quiser protestar que anule o voto. Não sem antes, é claro, tentar ganhá-lo para votar nos candidatos comunistas e progressistas.

Outro aspecto que merece atenção é a necessidade de deixar claro nos materiais de propaganda, que o voto no PCdoB é o voto nos candidatos do PCdoB.

Muita gente, cheia de boas intenções, vota só na legenda. Essas pessoas precisam saber que o voto na legenda não serve para eleger os candidatos comunistas (a não ser que o PCdoB concorresse sem coligação) e acaba ajudando candidatos de outros partidos com os quais está coligado.

Restrições. A lei eleitoral foi modificada, de forma a se tornar ainda mais restritiva. No que se refere a propaganda na televisão, impede que se coloque cenas externas no ar, com a desculpa de que, assim, os candidatos vão ter que se expor, mostrar suas idéias e opiniões. Foi a forma encontrada para impedir que os partidos populares mostrassem, além da realidade do povo, a dinâmica de campanha, os comícios, a vinculação dos candidatos com a população.

Impede também que artistas e

qualquer liderança de massa se manifeste nos programas eleitorais. A quem isso favorece? Historicamente, os partidos de esquerda sempre obtiveram muito apoio nessas áreas.

O PCdoB está empenhado em superar essas dificuldades. O FAX-AGP, boletim da Comissão Nacional de Propaganda, em sua edição nº 3, afirma que será “necessário concentrar esforços na preparação dos candidatos, no conteúdo de suas idéias, investindo na sua capacitação e desenvolvimento diante do vídeo”.

Diante de tantas restrições, é impossível dizer que essas eleições são completamente democráticas, o que exige empenho ainda maior, na organização da campanha, na arrecadação de finanças e na preparação política dos candidatos e da militância, que será a principal responsável pela vitória do PCdoB nessas eleições.

DANIEL VAZ

A campanha agora é prá valer

▼ Renato Rabelo, vice-presidente nacional do PCdoB, falou à *Classe* sobre os problemas a serem superados na campanha eleitoral para tornar vitorioso o projeto eleitoral do partido

Por Dilermando Toni

Classe - A quantas anda o projeto eleitoral do PCdoB?

Renato - Nós já passamos pela fase preliminar da formação das coligações e do lançamento dos candidatos. Agora a questão chave é dar um volume maior à campanha para que ela possa deslançar, tornando os candidatos mais conhecidos, por que só uma parte pequena da população sabe quem são os candidatos a deputado. Nós tivemos êxitos nos lançamentos em vários estados do Brasil, foram atos ou festas com boa afluência e participação. Tal foi o caso de São Paulo onde compareceram quase 3.000 pessoas.

Classe - Como atingir uma parcela maior da população?

Renato - Além dos panfletos e outros materiais escritos nós temos insistido na formação dos comitês. Eles organizam e multiplicam a campanha dando-lhe eixo, acabando com o espontaneísmo, e servem também de ligação entre a campanha dos candidatos proporcionais com os majoritários. A pessoa passa a ver os candidatos dentro de um esquema político mais amplo. Por outro lado é o momento dos candidatos participarem de atos políticos maiores, como comícios.

Classe - Que problemas se enfrentam para levar a campanha às ruas?

Renato - São de duas ordens. O primeiro é a maior mobilização da



Renato Rabelo destaca o ato de 3.000 pessoas em São Paulo

militância, dos filiados, amigos, simpatizantes, os recursos humanos da campanha. O outro é o problema material. Em alguns estados temos conseguido êxito mas em outros ainda enfrentamos muitas dificuldades não só na mobilização mas sobretudo na questão de conseguir recursos, fruto de uma visão limitada e de um trabalho artesanal que não estão em sintonia com as exigências da campanha atual.

Classe - Faltam apenas dois meses para o pleito...

Renato - O tempo é realmente muito curto, por isso é fundamental saber onde concentrar esforços, ou seja, onde rende mais a campanha. Na campanha de 90 nós cometemos erros desse tipo. Candidatos a deputado estadual se dispersaram por todo o estado, perdendo um tempo enorme, ao passo que naqueles lugares onde o estadual tinha maior influência foi dada menos atenção. Mesmo os candidatos a deputado federal que fazem uma campanha mais ampla precisam saber concentrar nas áreas onde tenham maior conhecimento e projeção.

Classe - Como fazer a ligação das candidaturas proporcionais do

PCdoB com as candidaturas majoritárias das coligações?

Renato - A campanha proporcional não pode ficar isolada do contexto. Para que atinja mais amplamente a população ela deve se relacionar com a campanha presidencial e dos governos dos Estados, sobretudo a primeira. Dessa forma abre-se espaço para os grandes temas, oferecendo propostas às reivindicações da população que vão desde a questão do desemprego aos problemas da saúde e da educação.

Classe - E a TV e o rádio?

Renato - Estes são instrumentos fundamentais para uma ampla divulgação das candidaturas daqui para frente. Temos que saber aproveitá-los bem, embora nosso tempo seja escasso. Por isso devemos usar as formas mais diretas possíveis. Aquelas bandeiras, slogans, logotipos que tornem mais fácil a identificação do candidato para a população.

Classe - Diante do quadro atual, quais são as perspectivas do PCdoB nestas eleições?

Renato - Vai se confirmando a avaliação que fizemos há alguns meses de que os ventos nessa eleição favorecem a esquerda. Se nós conseguirmos mobilizar mais am-

plamente as nossas forças e resolver o problema dos recursos, intensificando a campanha com a formação de comitês e bons programas de rádio e TV, nós poderemos conseguir nosso objetivo de eleger de 15 a 17 federais e dobrar o número de estaduais. Na campanha vale muito a compreensão dos objetivos políticos que nós nos propusemos, o ânimo de vencer. Quando se entra com vontade meia batalha está ganha. Nos Estados onde isso acontece a campanha ganha outro impulso.

Classe - O trabalho de filiação ao partido agora, atrapalha a campanha?

Renato - Pelo contrário, ajuda. Muitas das pessoas que você ganha para votar no candidato, podem se filiar ao partido. Separar uma coisa da outra é errado. Não custa nada levar uma ficha de filiação junto com a propaganda eleitoral. Na maioria dos lugares nós não temos essa prática, mas onde conseguimos fazer as duas coisas ao mesmo tempo, a campanha eleitoral é mais organizada, alguns novos filiados passam a ter uma participação ativa na campanha. Tal é o caso do Rio Grande do Sul onde se intercala com sucesso a campanha eleitoral com as filiações.

Uma candidatura sindical e popular

Nivaldo Santana é candidato do PCdoB a deputado estadual em São Paulo. Ex-presidente do Sintaema (Sindicato dos Trabalhadores em Água, Esgoto e Meio Ambiente do Estado de São Paulo), ele fala da base social de sua candidatura e das principais iniciativas da campanha

Classe - Como se desenvolve a sua campanha?

Nivaldo - Está centrada em uma base social e territorial bem determinada: na categoria que engloba a Sabesp, a Cetesb e a Fundação Florestal, atingindo 25 mil trabalhadores em 300 cidades; no comitê dos condutores, que é o maior organismo de base do PCdoB e em outras categorias menores. Fazemos a nossa campanha na Zona Sul, que tem a maior concentração operária da capital e é densamente povoada, no eixo da Brasilândia e

da Freguesia do Ó, onde iniciiei minha vida política e onde militei 10 anos; na região de Campinas e Americana.

Procuro equilibrar minha agenda de modo que possa ir a todos esses lugares. Não existe rotina, há panfletagem nas portas de fábricas, reuniões na periferia, debates nas universidades, comícios etc.

Classe - Como candidato com forte apoio na sua categoria, como você tem ampliado o seu trabalho?

Nivaldo - Divido o meu tempo de forma que fique um terço do tempo nos bairros, mais de um terço na categoria e o restante é reservado para Campinas, viagens e outros eventos. A minha categoria é o setor mais dinâmico, onde tem sido possível ampliar. Tenho o apoio da imensa maioria dos delegados sindicais e ativistas, inclusive do PT,



PMDB e PSDB. Esse apoio não significa apenas o voto, mas trabalho de base para arrecadação de finanças através da venda de camisetas ou bônus. A resposta da categoria tem sido extremamente positiva.

Classe - Há quem diga que o trabalhador vota mas não faz

campanha...

Nivaldo - A participação dos trabalhadores é desigual. Os mais avançados fazem campanha sim, dentro e fora da categoria, montam comitês, conseguem dinheiro e levam a campanha para os locais de moradia. É um apoio que se multiplica. Os outros participam de poucos eventos, ficam restritos aos locais de trabalho e familiares mas também são importantes. Nossa campanha está sendo utilizada também para politizar esses trabalhadores.

Classe - Do ponto de vista programático, qual é o ponto principal de sua campanha?

Nivaldo - A principal marca é a denúncia do plano FHC, porque ele causa arrocho, desemprego, agrava a já precária situação social da população e afeta a soberania nacional.

São Paulo quer 1.433 comitês

A campanha do PCdoB em São Paulo começou a deslançar com o lançamento das candidaturas de Aldo Rebelo para deputado federal e Jamil Murad, Nivaldo Santana e João Bosco, para deputado estadual. Mais de três mil pessoas participaram do ato de lançamento que contou com a presença de Zé Dirceu, candidato ao Governo do Estado e Luiza Erundina e João Herman, candidatos ao Senado.

A meta do Diretório Regional de São Paulo é organizar 1.433 comitês. Outra iniciativa, que contribui para superar as dificuldades financeiras é a campanha do 100 reais. O jornal de campanha "Boca de urna" afirma: "A elite dominante continua sua campanha visando inibir a presença dos trabalhadores na eleição. Diante disso, nunca é demais reafirmar: os comunistas são, por princípio e tradição, contra a partidização dos sindicatos e outras entidades de massas. Não destinam recursos dessas organizações para fins eleitorais. Mas defendem e praticam a mais intensa participação dos líderes sindicais e de todos os trabalhadores na luta política. E isso significa engajar-se de corpo e alma na campanha eleitoral, onde os trabalhadores podem alcançar vitórias de maior importância, inclusive sindical".

Manifesto de apoio

Um manifesto de apoio à candidatura de Marcos Afonso a deputado federal pelo PCdoB (Acre), reuniu a assinatura de 240 personalidades, representativas de diversos setores. Diz o manifesto: "Nós identificamos a candidatura de Marcos Afonso como um desafio lançado ao povo para mudarmos de vez a velha e nociva forma de fazer política, onde predominam a corrupção, os escândalos, a venda de votos, o assistencialismo e a prostituição política. Basta disso."

"O papel de um deputado federal é representar com dignidade os interesses da maioria do povo, ter competência legislativa, saber que seu mandato não é propriedade pessoal mas uma tarefa da sociedade, ter coerência e - fundamentalmente - compromisso com o Acre e com a Nação brasileira. Marcos Afonso reúne todas essas qualidades".

Lindberg amplia

Cerca de 300 pessoas participaram do lançamento da candidatura de Lindberg Farias a deputado federal pelo PCdoB (RJ), em Bangu, organizado pelo comitê local. 80% dos presentes eram jovens da região. Novos lançamentos estão programados para Volta Redonda e Petrópolis. Uma grande festa está sendo preparada para o mês de agosto, no Circo Voador.

Desde o início a candidatura de Lindberg teve excelente repercussão entre a juventude, particularmente da Zona Sul. A novidade é o apoio que vem recebendo junto a Base da Comunidade, zona Oeste e interior do Estado.

ISIDORIO SOUZA

Combater a inflação às custas dos ricos

Dilemando Toni

Galvão Bueno, o locutor esportivo da TV Globo não se cansava de repetir durante a transmissão dos jogos do Brasil na Copa a ordem das elites para que o povo confiasse no Real. O governo veicula nos horários nobres anúncios e mais anúncios de que agora as pessoas podem comprar muita coisa com umas poucas moedas. E Fernando Henrique Cardoso segue sorridente nadando nas águas dessa enxurrada de mentiras.

O brasileiro comum, convivendo com a complicada conversão da moeda aguarda perplexo o desenrolar dos fatos para ver se sua situação vai melhorar, como quer fazer crer a mídia.

Há um sentimento generalizado de que é necessário fazer a inflação cair e buscar a estabilidade dos preços. Mas no Plano FHC/Real isto está sendo feito em benefício de todos os brasileiros, como repete o candidato das elites ou, como nos outros planos, vem sacrificando ainda mais os trabalhadores e prejudicando os interesses nacionais.

Em primeiro lugar, a "grande novidade" de vésperas das eleições, nada tem de original. O engate da moeda nacional ao dólar e toda a concepção geral do Plano FHC/Real não passam da aplicação no Brasil da orientação geral do FMI, Banco Mundial e governo norte-americano, sintetizada no chamado Consenso de Washington, já aplicada em cerca de 60 periféricos. Não é à toa que o diretor-gerente do FMI, Michel Candessus, se desmanchou em elogios ao Plano no último dia 18. Mas, em todos os lugares do mundo onde foi aplicado, o "ajuste" provocou perda da soberania e exclusão social.

Em segundo lugar, chama muita a atenção a divulgação dos dados referentes aos lucros dos bancos norte-americanos credores do Brasil. Só um exemplo: no primeiro semestre de 94 o Citicorp teve um lucro de US\$ 877 milhões. Nada menos que US\$ 173 milhões vieram da reestruturação da dívida externa do Brasil, feita por FHC. Já o Bradesco, anunciou um lucro líquido de US\$ 204,15 milhões no mesmo período. E FHC diz que o acordo da dívida é uma premissa básica para que seu plano dê certo e que a dívida interna é intocável.

Com perdas salariais de pelo menos 10% só com a subida dos preços na véspera do Real, os trabalhadores vão vendo a falsidade da massacrante propaganda das elites e preparam o terreno para exigir a reposição das perdas, a diminuição da jornada de trabalho a fim de diminuir o desemprego, o combate efetivo aos especuladores e mais impostos sobre os grandes lucros e fortunas, mais investimentos do Estado nas áreas sociais o que só pode ser feito com a suspensão do pagamento da dívida externa e alongamento do perfil da dívida interna.

Enfim, um outro projeto em que os ricos paguem pela crise.

Real é contra os trabalhadores

▼ O Plano Real é tremenda jogada eleitoral, que prejudica os trabalhadores e visa a inserção da economia brasileira na "nova ordem" mundial dominada pelos EUA

Luiz Marcos Gomes
Economista e jornalista

O plano econômico que leva o nome do ex-ministro e atual candidato a presidente pelo PSDB-PFL, Fernando Henrique Cardoso, cuja terceira fase iniciou-se agora em julho com a entrada em cena do real, não deve ser encarado como mais um mero programa de estabilização econômica que, supostamente, pretende apenas "acabar" com a inflação.

Longe disso, o plano significa uma tentativa audaciosa das classes dominantes de operar o chamado "ajuste" da economia brasileira ao contexto da nova ordem mundial dominada pelos EUA e mais uns poucos países imperialistas, visando provocar, no Brasil, um novo ciclo de expansão capitalista dentro do modelo dependente e fortemente associado ao capital financeiro internacional. Modelo cuja reciclagem custará mais miséria para o povo e mais perda de soberania para o país.

Estratégia das elites. É evidente que o plano não se completa com a introdução do real. Sua próxima etapa seria a eleição de Fernando Henrique, logo seguida de uma outra destinada a "limpar" o cenário político-institucional dos obstáculos que dificultam a implementação das denominadas "reformas estruturais" que a reação não conseguiu operar com a revisão constitucional e que, agora, ela tenta ressuscitar com a bandeira da chamada "constituente exclusiva".

Por isso, a curto prazo, o plano representa uma tremenda jogada eleitoral das elites no sentido de criar uma falsa ilusão junto ao povo de que, com ele, a inflação "vai acabar", atribuindo os méritos disso ao candidato Fernando Henrique, na tentativa de barrar a candidatura Lula e o projeto (ainda em articulação) da Frente Brasil Popular.

Diante do favoritismo de Lula, a reação faz um jogo pesadíssimo, contando com a unanimidade e o monolitismo da grande imprensa e a paralisia e o descrédito do governo



Manifestação de funcionários públicos em São Paulo contra perdas salariais

Itamar. Afinal, trata-se de "enquadrar" a economia que, apesar de periférica e em crise, tem o 9º PIB do mundo.

Nas fases anteriores do Plano FHC (a do ajuste fiscal e da introdução da URV), a grande imprensa praticamente não divulgou nenhuma posição crítica ao plano, limitando-se a destacar a polêmica travada entre as diferentes frações do capital financeiro sobre problemas como o câmbio e as regras de emissão do real.

No essencial, sobre a necessidade de o Brasil fazer o "ajuste", de assinar o acordo da dívida externa com o Clube de Paris e com o Comitê dos bancos credores privados, de escancarar o mercado interno, de "reformatar" o Estado e privatizar as estatais, de acabar com os monopólios na área do petróleo e das telecomunicações, de reduzir os impostos para as grandes empresas, de dolarizar a moeda, de acabar com a liberdade partidária e introduzir o voto distrital. Sobre tudo isso as diferentes frações do grande capital estão de acordo.

Pode-se dizer que, desde o anúncio do Plano FHC, nunca o grande capital (grandes bancos e empresas que dominam sozinhas ramos inteiros da economia) praticou tantas barbaridades impunemente, sempre absolvido pelos analistas (com pouquíssimas exceções) em nome da "lógica do mercado". Ao mesmo tempo, apesar de pequenos choques aparentes, o aparelho do Estado voltou-se quase que totalmente para se colocar a serviço dos grandes interesses e de jogar o papel de articulador destes interesses.

Mas, e a inflação? Com a chegada do Real, devido a um conjunto de artifícios, a inflação poderá cair durante alguns meses, mesmo porque, nos últimos tempos, os grandes monopólios praticaram uma verdadeira "inflação preventiva"

como forma de se preparar para o Real, aumentando seus preços em URV (ou dólar). O importante, porém, é não perder de vista a compreensão do plano no seu conjunto e em suas várias etapas, inclusive para que se possa entender a fase do Real. O estrago provocado pela implementação das etapas anteriores do plano FHC foram grandes e, entre elas, pode-se citar:

1 - O chamado "ajuste fiscal" operado por Fernando Henrique quando era ministro da Fazenda foi feito às custas dos recursos alocados inicialmente aos programas sociais, resguardou e privilegiou os interesses dos que especulam com a dívida pública (o capital financeiro) e diminuiu as chances de o país retomar um nível razoável de crescimento;

2 - O acordo da dívida externa fechado por Fernando Henrique com o Comitê dos bancos credores, representando um dos pontos centrais do "ajuste" proposto pelo plano FHC, é um acordo lesivo ao país pois prevê o pagamento médio anual de US\$ 20 bilhões até o ano 2.000, totalizando mais de US 140 bilhões nos próximos sete anos e se constitui num enorme obstáculo no sentido de o Brasil retomar um caminho de desenvolvimento voltado para as necessidades prementes da população;

3 - A transformação obrigatória dos salários em URV pela média e a liberdade total concedida aos preços achatou mais ainda os salários, privilegiou o grande capital com capacidade de formar preços e erodiu enormemente o poder de compra dos assalariados, o que pode ser demonstrado com um exemplo: a cesta básica composta por um conjunto de bens e serviços necessários à maioria da população pobre pulou de abril ao final de junho de US\$ 80 para US\$ 104 (preço do dia 27/6, segundo o Procon/SP), refletindo uma inflação em

dólar (ou URV) de 30%, enquanto o salário mínimo ficou congelado em menos de 65 dólares;

4 - A dívida pública interna subiu mais de 40% em termos reais nos últimos seis meses, como resultado da política de juros altos mantida pelo Bando Central para "segurar a demanda", beneficiando diretamente os especuladores de títulos públicos, inclusive os grandes grupos internacionais que para aqui afluem conseguindo ganhar em um mês o que não ganham no mercado de capitais de seus países de origem em um ano.

País parado. Há que se destacar, portanto que o Real poderá segurar a inflação enquanto o país estiver parado, o Estado não investir, os juros ficarem na estratosfera e os trabalhadores continuarem com seus salários achatados. O Real é filhote de um plano feito contra o país e contra os trabalhadores. Não dá para separar o Real das outras etapas do plano FHC.

Se Lula ganhar, seria um absurdo, por exemplo, seu governo manter o arcabouço do plano FHC sob a justificativa da necessidade de controlar a inflação. O plano econômico da Frente Brasil Popular não pode se confundir com o plano FHC. Queremos uma economia sem inflação, mas não baseada no controle dos salários e na liberdade para os monopólios, queremos uma moeda estável mas não "ancorada" no dólar e com sua estabilidade dependendo de o país manter reservas em dólar proporcionadas pelo ingresso de capitais especulativos.

E mesmo que a inflação, eventualmente, se reduza nestes meses eleitorais, não deveria nos perder a perspectiva crítica a respeito do plano FHC, sob pena de nos confundirmos com os piores de nossos adversários.

Brasil conquista hegemonia no futebol

Zé Reinaldo

Com a conquista do tetra-campeonato pelo escrete nacional, marca incedível pelo menos neste século, o Brasil recupera a hegemonia no futebol mundial, resultado lógico nas circunstâncias em que foi disputada esta 15ª edição da mais importante competição esportiva internacional.

Tudo é discutível e polêmico num torneio de tamanha envergadura, envolvendo poderosos interesses políticos e financeiros, que muitas vezes prevalecem sobre os legítimos interesses dos que simplesmente amam e admiram o futebol, torcendo com ardor pelas suas cores nacionais.

Pode-se arguir, por exemplo, que a Copa 94 apresentou pouco brilho, quase nenhuma novidade tática, com os sistemas de marcação prevalecendo sobre a criatividade, e que os gramados dos Estados Unidos foram palco da frustração de alguns favoritos (Colômbia) e da decadência de alguns gigantes (Alemanha, Holanda). Pode-se lamentar a ausência de escolas "imprescindíveis" numa competição de tão alto nível (França, Uruguai, Inglaterra, Polônia e a ex-Iugoslávia).

Tudo isso é certo, ou melhor, quase certo. E nem representa o aspecto principal do que se viu nas 52 partidas, muitas delas verdadeiros espetáculos.

Os números, os craques que cintilaram em campo, os lances inesquecíveis e as gratas revelações permitem, porém, fazer uma avaliação mais otimista sobre a Copa e mais promissora quanto ao futuro do futebol. Foram marcados 141 gols em 52 jogos, uma média de 2,7 gols por partida, alta para os padrões atuais, superior à média de 2,2 gols/partida da Copa de 90 disputada na Itália. Nas últimas seis copas, somente a de 1982, na Espanha, registrou média ligeiramente superior, de 2,8 gols por partida.

O tempo médio de bola em movimento foi de 62 minutos e 17 segundos por jogo, uma marca excelente, sete minutos superior ao tempo de bola em jogo na copa anterior. A favor do bom nível téc-



Dunga, taça na mão, festeja a vitória

nico, merece registro o combate ao anti-jogo, decorrente das novas normas de arbitragem. Além de 15 expulsões, foram distribuídos 235 cartões amarelos - um recorde de 4,5 por partida.

Quanto aos craques, além dos nossos, incomparáveis, verdadeiros responsáveis pela inédita conquista brasileira, só pode afirmar que na Copa não houve brilho quem não viu jogar Preud'homme, da Bélgica, Hagi e Dumitrescu, da Romênia, Stoichkov, da Bulgária, Baresi e Roberto Baggio, da Itália, Redondo e Maradona, da Argentina, Dahlin, da Suécia, etc.

Houve também lances antológicos, como o golaço de saudita Owarian, no melhor estilo Romário-Maradona-Dêner. E se alguns gigantes decaíram, constatamos gratas surpresas e revelações, como a Nigéria, a Romênia, a Bulgária e a esforçada Suécia, que ficou em terceiro lugar.

O Futebol pune. Às vésperas da final da Copa, o fotógrafo Alexandre Machado, torcedor de boa cepa e enciclopédia ambulante de futebol, entre uma e outra especulação e lembrança desta e de outras copas, sentenciava: "o futebol não perdoa a mentira". Ao que eu acres-

cento que o esporte "bretão" é particularmente cruel quando julga a soberba, a ingenuidade e a falta de determinação. Alemanha e Holanda foram punidas porque não passavam de deslavadas mentiras, a Colômbia e a Argentina pela soberba (no caso da Argentina também pelo grave acidente com Maradona) e a Nigéria pela ingenuidade do neófito e falta de determinação de quem não acredita que pode chegar lá. Quanto à Itália, foi uma mentira que durou um pouco mais, com trinta minutos de prorrogação, disputa de pênaltis e tudo o mais. França e Inglaterra sequer mereceriam citação. Foram sacrificadas por mentirem com meses de antecedência.

Eis a lição - o futebol anguloso, baseado em correrias, mostra sua falácia quando encontra pela frente um condicionamento físico adequado, um bem plantado sistema de marcação que não se deixa surpreender por contra-ataques e o talento próprio do nosso craque.

Brasil tetra. Acho difícil compreender porque o Brasil é tetra se não se parte de tal premissa. E nisso se encontra boa parte das virtudes e dos pecados de Carlos Alberto Pereira. Por um lado, a Copa 94 dei-

xou definitivamente provado que a "era Dunga" foi uma escabrosa mentira inventada por certa crônica esportiva (também punida porque, salvo honrosas exceções, se preparou para narrar e comentar o fracasso da seleção). A caminhada de Stanford ao Rose Bowl evidenciou que o problema da seleção não estava na escalação de dois volantes protetores de zaga e destruidores das estocadas adversárias. Nossa debilidade foi não cuidar da criação com o mesmo esmero. Nos treinos e, principalmente no segundo tempo da prorrogação da partida final, ficou mais do que provado que havia sobejas opções criativas no banco de reservas. Viola, Cafu e Muller, com justa razão sentem, como o poeta Augusto dos Anjos, "A dor da força desaproveitada".

De resto, o time era de excelente nível. Uma defesa inexpugnável, com destaque para Márcio Santos e Aldair, este com rara visão de jogo e capacidade de avançar meio-campo a dentro quando havia espaço; Mauro Silva e Dunga eficientíssimos e um ataque, com Bebeto e Romário, de indiscutível talento tanto na movimentação como na finalização.

Na história das copas e dos títulos conquistados pela seleção, nunca houve um título mais sofrido e, contraditoriamente, uma campanha tão fácil, pela ausência de adversários à altura.

Começamos a trajetória no ano passado, nas eliminatórias, com dois inimagináveis acidentes. Um empate em zero a zero com o Equador, em Guayaquil e uma derrota por zero a dois diante da surpreendente e lutadora Bolívia. Sob estrondosas vaias, a seleção se recuperou no Morumbi contra um Equador retrancado. Depois, graças à garra e ao talento do time em perfeita simbiose com o coração generoso do povo do Recife, aplicamos fácil goleada vingadora na Bolívia. Ali começava a se formar um dos com-

ponentes essenciais da vitória conquistada em Pasadena: a união do grupo e a vontade de vencer. Sob o comando do "leão" Ricardo Rocha, o escrete entrava em campo de mãos dadas, gesto que se repetiu em todas as partidas da seleção na Copa. Seguiu-se a apoteose de Romário no Maracanã e a classificação.

Mas a torcida estava intranquila, exigia mudança de esquemas. Com outro espírito, certa crônica conservadora pedia a escalação de cinco atacantes, fantasiando um estilo yuppie de jogar futebol. Outros, aos quais não escapava de todo a razão, pregavam a escalação de três atacantes. A performance de Viola nos exíguos 15 minutos finais da Copa mostraram que, assegurado um bom sistema de marcação no meio-campo e efetivadas as jogadas de criação, essa seria uma bela opção de jogo.

Ganhamos e não tivemos adversários. Intimidados previamente pela força futebolística do Brasil, as seleções da Rússia, de Camarões, da Suécia (duas vezes) e até a gloriosa esquadra azurra usaram como tática tentar não deixar o Brasil jogar. A única que se atreveu só não levou uma goleada devido a duas isoladas falhas individuais na defesa. Nos gramados dos Estados Unidos, seguramente não vimos jogar o "dream-team" brasileiro. Mas vencemos, com méritos, pela impecável organização tática, pelo excelente preparo físico e pelo inigualável talento de nossos craques.

Paixão visceral. A explosão de contentamento das multidões a cada jogo da seleção e, sobretudo, a recepção aos heróis do tetra em Recife, Brasília e Riode Janeiro (em São Paulo, onde desembarcaram apenas os jogadores que aí vivem, em plena madrugada), é o que fica de melhor, à margem e por cima de todas as especulações e palpites sobre tática e escalação do time, pois além de 150 milhões de treinadores, somos uns apaixonados, não é verdade? Para além da bola em jogo no campo, importa constatar e sentir a reafirmação da identidade nacional em cada rosto, bandeira e camiseta. E não se invoque, a pretexto de explicação "sociológica", o efeito de "guerra das cervejarias" ou a influência da mídia.

A relação visceral de paixão entre o povo e o escrete vem de longe, quando a transmissão dos jogos era recebida através de aparelhos de rádios jurássicos, a válvula elétrica.

PS:
1 - Segundo os que estiveram lá, os americanos, além de novicos no futebol, não são lá essas coisas em termos de organização.
2 - Aos detratores do escrete, recomendo a leitura de "à sombra das chuteiras mortais" e "A Pátria em chuteiras", ambos de Nelson Rodrigues, Companhia das Letras.

**QUEM
E DE
LUTA
LE**

ASSINE A CLASSE

Nome _____
Endereço _____
Bairro _____ CEP _____ Telefone _____
Cidade _____ Estado _____
Profissão _____ Data ____/____/____

Assinatura semestral: R\$ 7,5 (6 edições) - Assinatura trimestral: R\$ 5 (3 edições) - Assinatura semestral de apoio: R\$ 15,00.

Preencha e envie hoje mesmo este cupom para a A Classe Operária. Não mande dinheiro. Mandar cheque nominal e cruzado, ou vale postal, em nome da Empresa Jornalística A Classe Operária Ltda. - Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo - SP - CEP 01318-020 - Fone (011) 34-4140 - Fax (011) 36-0412.

A Classe Operária

Diretor e Jornalista Responsável: João Amazonas - **Editora:** Ana Maria Rocha - **Redação:** Dilermando Toni, Guiomar Prates - **Correspondentes:** Calucho Carvalho (BA), José Ribamar Praseres (MA), Luciana Costa (PA), Marcos Lopes (PI), Niura Delfort (SE) - **Colaboradores:** Altamiro Borges, Andrea Penna, Antonio Carlos Queiroz, Ary José Rocco Jr., Bernardo Joffily, Carlos Pompe, Jefferson Barros, José Carlos Ruy, José Reinaldo Carvalho, Juarez Tadeu, Lejeune Mato Grosso, Luiz Aparecido, Marcos Ruy, Moacyr de Oliveira Filho, Olivia Rangel, Pedro Augusto Pereira, Pedro de Oliveira, Sueli Scutti, Umberto Martins, Weverton Brito Lima - **Projeto Gráfico:** Auracébio Pereira - **Diagramação:** José Luis Muñera Reyes - **Composição e Arte Final:** Compuarte - Fone (011) 289-3709 - **Fotolito:** AJato - **Impressão:** Artprinter - Administração: Eriberto Muniz - Assinaturas: Nelson Lopes da Silva - Publicação mensal da Empresa Jornalística A Classe Operária - Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo - SP - CEP 01318-020 - Fone: (011) 34-4140 - Fax: (011) 36-0412.

Sedes Regionais do PCdoB

ACRE - Rio Branco - R. Rio Grande do Sul, 65 - (068) 224-7329 - ALAGOAS - Maceió - R. Santos Pacheco, 308 - (082) 221-4634 - AMAPÁ - Macapá - Av. Feliciano Coelho, 882 - Bairro do Trem - BAHIA - Salvador - R. José Duarte, 5 - Tororó - (071) 321-6420/6622 - CEARÁ - Fortaleza - R. São Paulo, 1037 - (085) 221-4090 - DISTRITO FEDERAL - Brasília - HIGS 704 BL G Casa 67 - (061) 225-8202/3933 - ESPÍRITO SANTO - Vitória - R. Prof. Baltazar, 152 - (027) 222-8162 - GOIÁS - Goiânia - Av. Anhanguera, 3595 - Ed. S. Luiz - sala 3 - 3º andar - (062) 212-4014 - MARANHÃO - São Luiz - R. Viana Vaz, 110 - (098) 222-5295 - MINAS GERAIS - Belo Horizonte - R. Padre Belchior, 285 - (031) 222-3161 - MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande - R. Maracaju, 249 - sala 15 - MATO GROSSO - Curitiba - R. Comandante Costa, 548 - fundos - (065) 321-5095 - PARÁ - Belém - R. Senador Manuel Barata, 1157 - Reduto - (91) 222-8733 - PARAÍBA - João Pessoa - R. Pedro II, 932 - (083) 221-8325 - PERNAMBUCO - Recife - R. Afonso Pena, 233 - Boa Vista - (081) 231-2038 - PIAUI - Teresina - R. Desembargador Freitas, 1216 - (086) 221-1162 - PARANÁ - Curitiba - R. André de Barros, 26 - Casa 6 - (041) 223-5920 - RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro - R. São Francisco, 113 - (21) 224-4242 - RORAIMA - Boa Vista - Av. Mario Homem de Melo, 1051 - (095) 225-1546 - RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre - R. Dr. Vale, 142 - Floresta - (051) 228-5152 - SANTA CATARINA - Florianópolis - R. Floriano Peixoto, 123 - (48) 224-4242 - SERGIPE - Aracaju - R. Lagarto, 800 - (079) 224-8664 - SÃO PAULO - São Paulo - R. Condessa de São Joaquim, 272 - Liberdade - (011) 37-8483 - TOCANTINS - Gurupi - Av. Goiás, 1962-B.



▼ Criado em 1947 e integrado por parlamentares dos 22 países da América Latina e do Caribe, o Parlamento Latino Americano tem sua sede em São Paulo, no Memorial da América Latina. A última reunião de três comissões (de Narcotráfico, de Minas e Energia, e de Economia, Finanças e Dívida Externa) foi realizada em Iquique, no Chile. O deputado Aldo Rebelo (PCdoB-SP), integrante desta última comissão, fala à *Classe* sobre as ações do Parlatino

Por Sueli Scutti

Classe - Qual a função do Parlatino?

Aldo Rebelo - Ele tem assumido importância destacada nos últimos anos em função da chamada integração do Continente. O surgimento de acordos como o Nafta (envolvendo México, Estados Unidos e Canadá) e o Mercosul (que envolve Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai) desencadeou ampla discussão uma vez que essa integração por si só diz muito pouco. É preciso que a integração tenha um conteúdo. Ou terá um conteúdo conservador, de subordinação dos países da América Latina (AL) à economia poderosa dos Estados Unidos, da Europa e do Japão, ou pode também transformar-se num movimento de integração que busque a unidade dos países da AL para resistir à chamada integração por cima. Onde a AL abre seus mercados, liquida praticamente sua capacidade industrial, dilacera sua economia em benefício das economias dos países centrais.

Classe - Qual posição tem prevalecido até agora?

Aldo - O Parlatino reflete as contradições dos Parlamentos de seus respectivos países. Há duas grandes tendências dentro dele. Uma corrente expressa a perspectiva de uma parcela da classe dominante da AL de submeter completamente seus países e o próprio continente aos ditames dos países imperialistas. A expressão dessa tendência é o modelo econômico da Argentina e em parte o do Chile, que abre mão de uma economia autônoma e ajusta sua economia com elevado peso social e a

perda completa da soberania do país diante do mundo. A outra tendência é a da resistência, são parlamentares ligados a partidos que nos seus países buscam a retomada do desenvolvimento com soberania e justiça social. Esse embate se trava dentro do Parlatino, dificultando tanto a predominância da primeira cor-



Delegação brasileira na reunião do Parlatino em Iquique

PARLATINO

Posição crítica em relação à dívida externa

rente, mas também longe de dar hegemonia à segunda.

Classe - Em termos de números a disputa é equilibrada?

Aldo - Há uma ligeira predominância das correntes conservadoras, só que elas ficam imobilizadas pela atividade dos parlamentares mais progressistas, embora se registre que ainda é pequena a participação de partidos de esquerda no Parlatino. Muitas vezes a resistência vem de setores conservadores, caso do Partido Colorado do Uruguai, cujos representantes defendem uma posição de autonomia e inclusive apoiaram no Uruguai o plebiscito que barrou o processo de privatizações naquele país.

Classe - O Parlatino tem opinião sobre o Mercosul?

Aldo - A opinião não é unificada. Uma das opiniões transforma o Mercosul numa espécie de cavalo-de-troia para a penetração da economia dos Estados Unidos, via Mercosul, em mercados que têm acesso limitado como o mercado brasileiro. Então o Mercosul apresenta essa face perigosa de tornar-se instrumento dos interesses norte-americanos nos países que o integram. A outra corrente defende em perspectiva a criação de um mercado comum na AL, mas que tenha barreiras à sua utilização pelas economias do Primeiro Mundo.

Classe - De que modo o Parlatino aborda o problema da dívida externa dos seus países integrantes?

Aldo - Ele tem tido uma posição crítica em relação à dívida e ao custo social do seu pagamento. O Parlatino realizou um seminário em Brasília no ano passado e posteriormente, através de gestões que não são apenas do Parlatino, busca levar o caso da dívida externa da AL à Corte Internacional de Haia. Muitos julgam que essa dívida é impagável ou já foi paga e que o seu pagamento significa um preço muito elevado para o Continente. Sua apreciação pela Corte Internacional de Haia poderia colocar em xeque a própria legitimidade da dívida.

Classe - Essa proposta está sendo levada adiante?

Aldo - Está sendo encabeçada pelo presidente da Venezuela, Rafael Caldera, e ele como chefe de Estado tem legitimidade para ser o portador do recurso à Corte sobre a dívida não apenas da Venezuela mas também do continente.

Classe - De que maneira o Parlatino está tratando a crise social e a aplicação do projeto neoliberal na AL?

Aldo - O Parlatino tem como grandes preocupações a crise social, a democracia, o narcotráfico e a dívida externa. O continente latino-americano apresenta indicadores sociais perversos: concentração de renda, mortalidade infantil, agravamento de doenças que atingem vastas populações. O esforço é de se buscar saídas que retomem o desenvolvimento econômico do continente que, com exceção de um reduzido número de países, vive há muito tempo um processo de estagnação. A AL é exportadora líquida de capitais. Um continente já tão empobrecido por tantas desigualdades e com tanta miséria, é exportador de capitais para o Primeiro Mundo. É por essa razão que vamos realizar em agosto em São Paulo um seminário que tratará do papel do Estado e da função social do Estado, como propulsor do desenvolvimento e como instrumento de combate às desigualdades sociais.

Classe - A Argentina tem dado sinais de falência do programa econômico lá aplicado e tido como modelo pelos países ricos. O Parlatino trata desse assunto?

Aldo - Nós sempre procuramos informações sobre as economias de todos os países integrantes. As economias apresentadas como paradigmas do neoliberalismo, no caso a chilena e a argentina, mostram sintomas de grandes dificuldades. No Chile, o que se vê é uma queda dos principais produtos de exportação: o cobre, o pescado industrializado e as frutas industrializadas, além do crescente endividamento externo do país e o agravamento das desigualdades sociais. Há ruas em Santiago

(capital do Chile) onde moram famílias ricas nas quais se proíbe o trânsito de pessoas que não sejam moradores e que assim têm preservado sua segurança, ou seja, são ruas privadas. Na Argentina a dolarização está levando a um garroteamento da economia, que passou por um processo de desindustrialização e hoje acumula um elevado déficit na balança comercial. O país se debate com uma perspectiva sombria.

Classe - Existe uma opinião de que no Brasil há mais resistências à aplicação do projeto neoliberal. O Parlatino discute isso?

Aldo - Existe um amplo debate, por exemplo, no caso da lei das patentes. Essa lei já foi aprovada no Equador e no Chile. No caso do Chile os Estados Unidos exigem alterações para favorecê-los ainda mais. No caso da Argentina há uma pressão muito grande. Mas no Brasil a resistência mostrou-se mais consistente. E há inclusive uma certa convicção de que o Brasil compõe o principal pólo de resistência no continente à implantação da lei das patentes. Pela dimensão de sua economia, pela sua população, pela diversificação da produção industrial e agrícola, o Brasil mostrou-se uma espécie de muralha à entrada do neoliberalismo não só no próprio Brasil como também na AL. O Brasil tem a mais forte e competitiva economia do continente. Enquanto ele resiste em áreas importantes, a AL sofre as influências dessa resistência brasileira.

Classe - Qual o plano de ação da Comissão de Economia, Finanças e Dívida Externa?

Aldo - Nós temos essa decisão de questionar a dívida externa na Corte Internacional de Haia. A Comissão vai realizar dois seminários em São Paulo: um, já citado, sobre o papel do Estado, e outro sobre patentes. Outra medida é debater alternativas para retomar o desenvolvimento econômico no continente para a promoção e o aprofundamento da democracia, da justiça social e da soberania dos países integrantes do Parlatino.

A DÍVIDA EXTERNA É IMPAGÁVEL OU JÁ FOI PAGA